

Formação Mediúnica III

MAGNETIZAÇÃO DAS ÁGUAS, CLARIVIDÊNCIA E CLARIAUDIÊNCIA

1. LIVRO

Nos Domínios da Mediunidade – Cap. XII.

2. LOCAL

Centro Espírita em que Raul Silva era o dirigente encarnado.

3. FASE DA REUNIÃO

Nos preparativos de encerramento, após duas horas de trabalho.

4. ESPÍRITO INSTRUTOR

Áulus que orientava os Espíritos André Luiz e Hilário Silva.

5. FLUIDIFICAÇÃO DAS ÁGUAS – Acompanhemos a descrição de André Luiz:

Pequeno cântaro de vidro, com água pura, foi trazido à mesa. E porque Hilário perguntasse se iríamos assistir a alguma cerimônia especial, o Assistente Áulus explicou:

“– Não, nada disso. A água potável destina-se a ser fluidificada. O líquido simples receberá recursos magnéticos de subido valor para o equilíbrio psico-físico dos circunstantes.”

Com efeito, mal acabávamos de ouvir o apontamento, Clementino se abeirou do vaso e, de pensamento em prece, aos poucos se nos revelou coroado de luz.

Daí a instantes, de sua destra espalmada sobre o jarro partículas radiosas eram projetadas sobre o líquido cristalino que as absorvia de maneira total.

“– Por intermédio da água fluidificada – continuou Áulus – precioso esforço de medicação pode ser levado a efeito. Há lesões e deficiências no veículo espiritual a se estamparem no corpo físico, que somente a intervenção magnética consegue aliviar, até que os interessados se disponham à própria cura.”

6. PREPARAÇÃO PARA VIDÊNCIA E AUDIÇÃO

O assistente silenciou, porquanto a palavra de Silva se fez ouvir, recomendando aos médiuns observasse, através da vidência e da audição, os

ensinamentos que porventura fossem, naquela noite, ministrados ao grupo pelos amigos espirituais da casa.

Reparamos que Celina, Eugênia e Castro aguçaram as suas atenções.

Clementino, findo o preparo da água medicamentosa, consagrou-lhes maior carinho, aplicando-lhes passes na região frontal.

“– Nosso amigo – esclareceu o Assistente – procura ajudar os nossos companheiros de mediunidade, favorecendo-lhes o campo sensório. Não lhes convêm, por agora, a clarividência e clariaudiência demasiado abertas. Na esfera dos espíritos reencarnados, há que dosar observações para que não venhamos a ferir os impositivos da ordem. Cada qual de nós deve estar em sua faixa de serviço, fazendo o melhor ao seu alcance. Imaginemos um aparelho radiofônico terrestre, coletando todas as espécies de onda, em movimento de captação simultânea. O proveito e a harmonia da transmissão seriam realmente impraticáveis, e não haveria propósito construtivo na mensagem. Um médium, pois, não deve demorar-se com todas as solicitações do meio em que se situa, sob pena de arrojá-las suas impressões ao desequilíbrio, a menos quando, por sua própria evolução, consiga sobrepassar ao campo do trabalho, dominando as influências do meio e selecionando-as, segundo o elevado critério de quem já consegue orientar-se para o bem e orientar aqueles que o acompanham.

7. VARIAÇÕES NA PERCEPÇÃO – TEORIA

Hilário refletiu um momento e indagou:

“– Os trabalhos mediúnicos, porém, são rigorosamente iguais nos três instrumentos sob o nosso exame?”

“– Isso não. O círculo de percepção varia em cada um de nós. Há diferentes gêneros de mediunidades; contudo, importa reconhecer que cada Espírito vive em determinado degrau de crescimento mental e, por isso, as equações do esforço mediúnico diferem de indivíduo para indivíduo, tanto quanto as interpretações de vida se modificam de alma para alma. As faculdades medianímicas podem ser idênticas em pessoas diversas, entretanto, cada pessoa tem a sua maneira particular de empregá-las. Um modelo, em muitas ocasiões, é o mesmo para grande assembléia de pintores, todavia, cada artista fixa-lo-á na tela a seu modo. Uma Lâmpada exibirá claridade líria, em jato contínuo, mas se essa claridade for filtrada por focos múltiplos, decerto estará submetida à cor e ao potencial de cada um desses filtros, embora continue sendo sempre a mesma lâmpada a fulgurar em seu campo central de ação. Mediunidade é sintonia e filtragem. Cada espírito vive entre as forças com as quais se combina, transmitindo-as segundo as concepções que lhe caracterizam o modo de ser.”

8. OLHOS E OUVIDOS NA CLARIVIDÊNCIA E CLARIAUDIÊNCIA

“– A clarividência e clariaudiência acaso estão localizadas exclusivamente nos olhos e ouvidos da criatura reencarnada? – Perguntou Hilário.”

Áulus acariciou-lhe a cabeça e acentuou:

“– Hilário, vê-se que você está começando a jornada no conhecimento superior. Os olhos e os ouvidos materiais estão para a vidência e para a audição como os óculos estão para os olhos e o amplificador de sons para os ouvidos – simples aparelhos de complementação. Toda percepção é mental. Surdos e cegos na experiência física, convenientemente educados, podem ouvir e ver, através de recursos diferentes daqueles que são vulgarmente utilizados. A onda hertziana e os raios X vão ensinando aos homens que há luz muito além das acanhadas fronteiras vibratórias em que eles se agitam, e o médium é sempre alguém dotado de possibilidades neuro-psíquicas especiais que lhe estendem o horizonte dos sentidos.”

Meu companheiro fixou o gesto de quem aproveita a lição, mas objetou, reverente:

“– Desejava, porém, saber se Dona Celina, por exemplo, está enxergando o irmão Clementino e ouvindo-o tão-somente pelo processo curial de percepção da Terra.”

“– Sim, isso acontece, por uma questão de costume cristalizado. Celina pensa ouvir o supervisor através dos condutos auditivos, e supõe vê-lo, como se o aparelho fotográfico dos olhos estivesse em conexão com o centro da memória, no entanto, isso resulta do hábito. Ainda mesmo no campo de impressões comuns, embora a criatura empregue os ouvidos e os olhos, ela vê e ouve com o cérebro, e apesar de o cérebro usar as células do córtex para selecionar os sons e imprimir as imagens, quem vê e ouve, na realidade, é a mente.

Todos os sentidos na esfera fisiológica pertencem à alma, que os fixa no corpo carnal, de conformidade com os princípios estabelecidos para a evolução dos Espíritos reencarnados na Terra.”

“– Vocês possuem uma prova disso, quando o homem se encontra naturalmente desdobrado, cada noite, durante o sono, vendo e ouvindo, a despeito da inatividade dos órgãos carnis, na experiência a que chama ‘vida de sonho’.”

9. UMA FRASE E TRÊS REGISTROS DIFERENTES

“– Centralizemos mais atenção na prece, adestrando-nos para o serviço do bem!”

Esta frase foi pronunciada por Clementino, em voz clara e pausada, como a oferecer uma base única para a convergência de nossas cogitações.

Atento, porém, aos nossos objetivos de estudo, acompanhei os médiuns mais diretamente interessados no apelo:

a – Dona Celina registrara as palavras com precisão e guardava a atitude do aluno disciplinado.

b – Dona Eugênia assimilara-as, em forma de ordem intuitiva, e mostrava-se na condição do aprendiz criterioso.

c – Castro, contudo, não se recolhera nem de leve.

10. A MESMA LIGAÇÃO E TRÊS DIFERENTES PERCEPÇÕES

Observei que sutilmente ligados à faixa fluídica de Clementino, os três médiuns, cada qual a seu modo, lhe acusavam a presença, – continuou André Luiz.

a – Dona Celina anotava-lhe os mínimos movimentos, à maneira do discípulo diante do professor;

b – Dona Eugênia lhe assinala a vizinhança com menos facilidade, qual se o distinguisse imperfeitamente, através de um lençol de nebulosidade;

c – Castro, embora o visse com perfeição, parecia completamente alheio à influência do instrutor.

“As possibilidades de Celina e Castro, na clarividência e na clariaudiência, são por enquanto mais vastas que em nossa irmã Eugênia – esclareceu Áulus, prestimoso. – Acham-se os três levemente submetidos ao comando magnético de Clementino e podem identificar-lhe a presença, com analogia de observações, porque, nas circunstâncias em que operam, estão agindo como pessoas comuns utilizando-se da percepção habitual.”

11. INDIFERENÇA MENTAL DE CASTRO

“– Entretanto – aduziu Hilário –, se o trio foi colocado sob a ordenação magnética do supervisor, por que motivo nossas amigas lhe acataram o convite, enquanto Castro se mantém visivelmente impermeável a ele?”

“– O mentor do recinto exerce apenas branda influência, abdicando de qualquer pressão mais forte, suscetível de provocar viciosa imaginação, em desfavor de nossos amigos – disse Áulus, convicto. – Além disso a mente de Castro passou, de súbito, a alimentar propósitos diferentes. Incapaz de concentrar a atenção, de modo irrepreensível, na região superior do trabalho que nos compete levar a efeito, de momento não se revela interessado em satisfazer ao programa de Clementino, mas sim em provocar um reencontro com a progenitora desencarnada. Enxerga o orientador do conjunto, como quem é consternado a ver alguém de passagem, todavia, sem qualquer preocupação de escuta-lo ou servi-lo, confinado como se encontra às emoções do jardim doméstico. Basta a indiferença mental para que nada ouça do que mais interessa agora o esforço coletivo da reunião.”

Evidentemente desejoso de definir a lição, no quadro de nossos conhecimentos terrestres, acrescentou:

“– É uma antena que se insensibilizou, de improviso, recusando sintonizar-se com a onda que a procura.”

12. LIÇÃO DE DISCIPLINA DE CELINA

Nesse instante, vimos que um companheiro simpático de nosso plano avançou do círculo de espectadores, abeirando-se de Dona Celina e chamando-a, discreto. A nobre criatura ouviu-lhe a voz, mas não se voltou para trás. Entretanto, respondeu-lhe em pensamento numa frase que se fez perfeitamente audível para nós:

“– Encontrar-nos-emos mais tarde.”

Áulus informou, presto:

“– É o esposo desencarnado de nossa irmã que a visita, com afetuosa solicitação, contudo, disciplinada quanto é, Celina sabe renunciar ao conforto de ouvi-lo a fim de colaborar no êxito da reunião com maior segurança.”

13. DESDOBRAMENTO INDISCIPLINADO DE CASTRO

Logo após, vimos Castro desdobrar-se de novo, auxiliado agora simplesmente pelo forte desejo de ausentar-se do círculo e, revestido das emanações que lhe desfiguravam o perispírito, caminhou, hesitante ao encontro de uma entidade amiga que o aguardava a pequena distância.

Nosso cooperador – falou o Assistente –, menos habituado à disciplina edificante, julga que já fez o possível em favor dos trabalhos programados para esta noite, e põe-se no encaço da mãezinha, que vem sendo beneficiada em nossa organização.

14. VIBRAÇÕES SEM PALAVRAS

Clementino, à cabeceira da assembléia, estendeu os braços e colocou-se em preces.

Cintilações de safirino esplendor revestiam-lhe agora o busto, dando-nos a impressão de que o abnegado benfeitor se convertera num anjo sem asas.

Em momentos ligeiros, verdadeiro jorro solar desceu do alto, coroando-lhe a fronte e, de suas mãos, passo a irradiar-se prodigiosa forma de lua, que nos enlaçava a todos, encarnados e desencarnados, prodigalizando-nos a sensação de indescritível bem-estar.

Nada consegui dizer, não obstante as perquirições que me enfuziavam o pensamento.

O êxtase do mentor impelia-nos a respeitosa mudez.

Aqueles minutos de vibração sem palavras representavam precioso manancial de energias restauradoras para quantos lhe abrissem as portas do espírito. É o que eu conseguia depreender pelo revigoramento de minhas próprias forças.

15. QUADROS DE VIDÊNCIA NÃO CONFIRMADOS PELOS ESPÍRITOS ANDRÉ LUIZ E HILÁRIO SILVA

Acompanharemos o relato de André Luiz, quanto as ocorrências no grupo encarnado, logo após a prece de Clementino no plano Espiritual:

“Dona Celina rogou licença para notificar que vira surgir no recinto um ribeiro cristalino, em cuja corrente muitos enfermos se banhavam, e Dona Eugênia seguiu-a, explicando que chegara a contemplar um edifício repleto de crianças, entoando hinos de louvor a Deus.

Registramos semelhantes comunicados com surpresa.

Nada víamos ali que pudesse recordar sequer de longe um córrego de águas curativas ou algum pavilhão de serviço à infância.

A sala era demasiado pequena para comportar cenários. Fitando-me, intrigado, Hilário parecia perguntar se as duas médiuns não estariam sob o influxo de alguma perturbação momentânea.”

16. ÁULUS EXPLICA: DUAS ORIGENS PARA OS FENÔMENOS DE VIDÊNCIA

Assinalando-nos a estranheza, continua André Luiz, o Assistente considerou:
“– Importa não esquecer que ambas encontram-se na faixa magnética de Clementino, fixando as imagens que a mente dele lhes sugere. Viram-lhes os pensamentos, relacionados com a obra de amparo aos doentes e com a formação de uma escola, que a instituição pretende, em breve, mobilizar no socorro ao próximo. Idéias, elaboradas com atenção, geram formas, tocadas de movimento, som e cor, perfeitamente perceptíveis por todos aqueles que se encontrem sintonizados na onda em que se expressam. Não podemos olvidar que há fenômenos de clarividência e clariaudiência que partem da observação ativa dos instrumentos mediúnicos, identificando a existência de pessoas, paisagens e coisas exteriores a eles próprios, qual acontece na percepção terrestre vulgar, e existem aqueles que decorrem da sugestão que lhes é trazida pelo pensamento criador dos amigos desencarnados ou encarnados, estímulos esses que a mente de cada médium traduz, segundo as possibilidades de que dispõe, favorecendo, por isso mesmo, as mais díspares interpretações.”

“– Oh! – exclamou Hilário, entusiasmado – temos aí a técnica dos obsessores quando improvisam para as suas vítimas variadas impressões alucinatórias...”

“– Sim, sim... – confirmou o Assistente. É isso mesmo. No entanto, evitemos a conversação agora. O trabalho da reunião vai terminar.”